

OS ESPLENDORES DA CORTE DA BORGONHA: PODER E RITUAL NO SÉCULO XV

Ana Cristina Campos Rodrigues – Mestranda - UFF

A fama das cerimônias do ducado da Borgonha no século XV transcendeu os limites geográficos do extenso território sobre o controle dos duques. Seus rituais, descritos em detalhes pelos memorialistas, influenciaram as cortes européias, mesmo depois que a linhagem se extinguiu. Olivier de La Marche, mestre de cerimônias da corte, foi o responsável por muitas das festas e banquetes que ele mesmo relatou em suas “Memórias”. Nestas, as comemorações e os torneios surgem como contrapontos às guerras e batalhas recorrentes, formando em seu conjunto uma retórica de apoio à política ritual dos seus senhores, que buscavam afirmar-se como os “grandes duques do Ocidente”. Eis nosso foco de análise: o uso da grandiosidade das festas dentro de um bem formulado discurso político.

As “*Mémoires*” de Olivier de La Marche, *maitre d’hôtel* dos duques, tiveram sucessivas reedições. O autor entrou na casa da Borgonha, a serviço de Felipe, o Bom, em 1437, ali permanecendo até morrer em 1502. Viveu o apogeu do poder e da glória da casa com Felipe, “grande duque do ocidente”. Acompanhou Carlos, dito “o Temerário” à Nancy, onde foi capturado quando o duque morreu. Participou das negociações para que a filha dele, numa continuação das estratégias matrimoniais já muito conhecidas dessa casa, casasse com Maximiliano de Áustria, filho do imperador Frederico III. Serviu ao casal em embaixadas enquanto a idade o permitiu. Tornou-se preceptor do jovem herdeiro, Felipe, o Belo, em 1488. Escreveu então peças educativas sobre os rituais borgonheses, e dedicou ao seu pupilo as suas memórias, que já vinham sendo escritas provavelmente desde 1472.

A ritualização acontecia de diversas formas na vida política borgonhesa. Mesmo as audiências de justiça seguiam regras definidas. Na descrição do cerimonial da justiça, o

importante para La Marche foi apresentar a ordem em que os nobres deveriam se colocar na sala, quantos servidores estariam presentes e suas respectivas posições. Mesmo o detalhe da cadeira onde o duque se sentaria, forrada de ouro, era indicado. ⁱ

Nas *Mémoires*, três tipos de eventos aparecem com mais frequência. As batalhas e guerras, as justas, torneios e passos de armas; e as cerimônias e rituais. A guerra seguia suas próprias leis e regras, onde a sorte e o acaso reinavam, ao sabor dos desígnios divinos. De certa forma, também os “exercícios militares” eram rituais da corte. A motivação para o enfrentamento de armas podia ser uma comemoração, como núpcias, ou uma emprise, uma promessa feita por um cavaleiro. Nas grandes festas duciais, sempre havia torneio como parte da comemoração. Não eram mais os exercícios de treino militar de suas origens, porém não chegavam a ser as meras encenações da época de Luís XIV. ⁱⁱ O papel do duque nessas batalhas encenadas era central. Era ele o juiz, quem decidia o resultado em caso de dúvidas, e que resolveria quaisquer problemas que surgissem no decorrer das justas.

Porém, se as narrativas de torneios eram freqüentes, o grande atrativo das memórias sempre foram as descrições das festas da corte. Já o professor Ciro Cardoso, em artigo, sublinha a característica mais marcante de La Marche – e dos autores borgonheses em geral - relacionados aos demais memorialistas dessa época: o destaque dado à narrativa de eventos festivos. ⁱⁱⁱ Três tem grande destaque: a primeira festa da Ordem do Tosão de Ouro presenciada por La Marche, em Gand no ano de 1445, e o “Banquete do Faisão” em Lille, ambas quando o duque era Felipe, O Bom. E as núpcias de seu filho Carlos, já duque da Borgonha, com Margarida de York em Bruges, em 1468.

A hierarquia da sociedade transpareceu no relato dessas festas. A organização previa a ordem em que os convidados entravam e os lugares em que cada um iria sentar-se, de acordo com sua posição em relação ao duque, figura central nos festejos. A cerimônia do casamento de Carlos foi antecedida de uma entrada na cidade de Bruges, feita de acordo com a hierarquia urbana. Atrás da liteira que conduzia a noiva, guardada pelos cavaleiros do Tosão de Ouro,

vinham os bispos da região, depois os embaixadores e representantes de cada nação presente na cidade. ^{iv} Nos banquetes, que duraram dez dias, eram três mesas. Uma, mais elevada e atravessando toda a sala era a mesa de honra. ^v No meio dessa mesa, sentou-se a recém-casada, com Isabel de Portugal, mãe do duque à sua direita. Outras nobres sentaram-se à essa mesa, sendo que duas ficaram atrás de Margarida para a servir.

A festa do Tosão de Ouro também tinha regras bem definidas para a entrada e a acomodação dos presentes. La Marche, em sua narração, se diz muito impressionado com a ordem que viu e que lhe foi explicada pelo rei-de-armas da Ordem, Jean Lefebvre de Saint Remy. A celebração anual acontecia em diversos lugares da cidade, mais notadamente a Igreja de Santo André e o palácio ducal. Em ambos, a entrada seguia uma ordem rigorosa. Os cavaleiros ordenados mais recentemente abriam o cortejo, que seguia assim até chegar ao duque, que era imediatamente precedido pelo mais antigo cavaleiro. ^{vi}

No palácio, na hora das refeições, uma grande mesa era armada para os cavaleiros da ordem sentarem-se, com o duque no meio. Cabia ao rei-de-armas conferir se todos estavam sentados de acordo com sua posição. À esquerda do príncipe, deveria colocar-se uma mesa para os quatro oficiais da ordem – o chanceler, o tesoureiro, o greffier e o rei-de-armas. Outra deveria ser posta para os oficiais de armas, onde poderiam sentar-se de vinte a trinta pessoas. Os convidados que não fossem da ordem teriam, ao menos no primeiro dia, uma mesa à direita do príncipe, para que pudessem observar o serviço dos cavaleiros. Se coubesse na sala, poderia ser colocado um estrado para que as mulheres pudessem observar a cerimônia.

O “Banquete do Faisão”, oferecido pelo duque à sua corte em dezessete de fevereiro de 1454, é o mais conhecido e estudado evento da casa da Borgonha. Apresentou em sua própria realização uma hierarquização que foi notada pelo seu mais famoso cronista, La Marche. O relato que aparece nas suas memórias é uma espécie de correspondência com um funcionário de outra casa nobre. ^{vii} O banquete, no qual votos de cruzada foram proferidos pelos membros

da corte, foi o encerramento de um ciclo de festas organizadas pelos grandes senhores ligados ao duque da Borgonha. Esse crescente de festas foi feito para culminar no encerramento pelo duque e com a declaração de seu voto de partir em Cruzada. Um cavaleiro da corte borgonhesa, que ele citou anonimamente, disse ao final do banquete do duque da Borgonha:

“Meu amigo (...) eu te afirmo e te juro pela minha honra de cavaleiro, que todos esses chapéus de flores, banquetes, festividades não foram feitos durante tanto tempo senão porque Meu Senhor o Duque desejava firme e secretamente organizar o seu banquete como o vimos.(...)”^{viii}

“Organizar o seu banquete como o vimos” quer dizer com toda a pompa e circunstância que a ocasião merecia. O cronista chama a atenção para os gastos com todos os banquetes, cada senhor esforçando-se para oferecer o banquete mais luxuoso. Olivier de La Marche reconheceu que o grande custo que o duque teve com a festa seria ultrajante e irracional, não fosse sua virtuosa intenção, de salvar a Igreja com os votos que foram feitos. ^{ix}

Nas festas promovidas pelos duques, havia mesas imensas, cobertas com enfeites que se moviam e interagiam com os convidados, representando diversas cenas. O cotidiano misturava-se com fantasias mitológicas e com encenações da sacralidade cristã, mas muitas vezes essas decorações buscavam reforçar a imagem do poder do duque. No relato do “Banquete do Faisão”, Olivier de La Marche descreveu com detalhes diversas dessas decorações. Cada uma das três mesas possuía uma decoração própria, com pedras e materiais preciosos. ^x

As núpcias de Carlos, O Temerário, com Margarida de York foram ainda mais suntuosas. A celebração do enlace com a irmã do rei da Inglaterra teve dez dias de festas, onde as decorações de mesa foram inúmeras. No primeiro dia, trinta navios foram dispostos, um sobre cada mesa, cada um portando o nome de um dos senhorios do duque da Borgonha,

pintados com as cores do ducado – dourado e azul – portando as armas do território que nomeavam. Em cada mesa encontrava-se também uma empada em forma de castelo, com as armas e o nome de uma vila pertencente ao duque. Assim, trinta senhorios e principados e trinta cidades sob domínio ducal foram representados. ^{xi}

No quinto dia, sobre a mesa, estavam quinze pavões revestidos com suas penas, e com os corpos dourados com ouro fino. Dezesesseis cisnes de prata estavam misturados aos pavões, e cada uma das trinta e uma aves portava um emblema da ordem do Tosão de Ouro e o brasão com as armas de um cavaleiro da ordem. ^{xii} As aves decoradas tinham uma utilidade em especial, além de serem decorações. Olivier de La Marche diz que, graças a essa decoração, os cavaleiros da Ordem então vivos eram mostrados, “de acordo com a posição ocupada por aquele que representavam dentro da procissão do dia da festa da ordem”^{xiii}

Dessa forma, a hierarquia da ordem do Tosão de Ouro – e por conseguinte, da corte de Carlos – estava sendo claramente explicitada. Mais do que simplesmente reforçar a hierarquia da ordem, Carlos estava endossando a sua própria posição como líder da mesma, lembrando aos cavaleiros – de maneira sutil – as posições que cada um ocupava dentro da ordem. Outro reforço dessa hierarquia apareceu quando as travessas de serviço, em formas de animais, portavam, cada uma, as armas de um vassalo do duque, com o nome do seu domínio. ^{xiv}

No nono dia, um jardim surgiu no salão de banquete, onde trinta árvores foram montadas, cada uma com o nome de uma abadia sujeita ao duque, incluindo as poderosas abadias de Cluny e de Cister, chefes de importantes ordens monásticas. ^{xv} Novamente, é visível a preocupação em demonstrar o poderio do duque. Além da presença constante das armas e das cores da casa ducal, há a reafirmação do seu poder sobre os seus domínios. Ao nomeá-los todos, enfatiza os laços de dependência que os prendem – por meio dos seus senhores diretos – ao duque da Borgonha.

Na festa do Tosão de Ouro, as decorações eram mais sóbrias. Alguns enfeites nas paredes do palácio quando das refeições. Na igreja se concentravam os detalhes. Todos os cavaleiros, inclusive os que haviam falecido após a última reunião, tinham seus brasões apresentados sobre os seus lugares, respeitando a posição de cada um na Ordem.^{xvi}

Um dos pontos altos das festas da Borgonha era o momento das encenações. Ricamente elaboradas e plenas de simbolismos, ajudavam a tornar ainda mais claras as ambições do duque. O “Banquete do Faisão” teve diversas. Olivier de La Marche descreveu a que considerou como a mais importante e particular: o apelo que a Igreja fez ao duque.^{xvii}

Ela entrou no salão do banquete, trazida por um gigante, o maior que o cronista já vira. O monstro carregava em sua mão esquerda uma cimitarra e estava usando uma trança como a dos mouros, na descrição do cronista. A Igreja, ao ver-se em tão nobre companhia, começou o seu lamento. Dizia-se abandonada e esquecida, largada à própria sorte. Em um longo poema, pedia ajuda aos presentes, nobres valorosos, dizendo que vinha percorrendo todas as cortes cristãs, em busca de auxílio. E que agora vinha ante o nobre duque da Borgonha e os cavaleiros do Tosão pedir que socorressem toda a cristandade.

Foi depois desse lamento sentido que o rei-de-armas da ordem borgonhesa entrou na sala junto com uma pequena comitiva, formada por duas damas da corte e dois cavaleiros do Tosão de Ouro. Em suas mãos, um faisão. Decorada e coberta de jóias, a ave foi apresentada ao duque. Isso porque, segundo o cavaleiro que trouxe o faisão, havia “um antigo costume que nas grandes festas (...) fosse apresentado aos príncipes (...) um pássaro nobre sobre o qual se possa fazer um voto útil e valoroso.”^{xviii}

Então, olhando para a Igreja com piedade, o duque Filipe – que segundo o cronista, sabia bem porque havia oferecido esse banquete - fez o seu solene voto de libertar a Igreja dos algozes infiéis, entregando-o por escrito ao rei-de-armas. A Igreja agradeceu ao “mais elevado dos pares de França” e, antes de retirar-se, pediu para que os demais seguissem seu exemplo.

E este foi seguido pelos cavaleiros e nobres da corte borgonhesa, que fizeram os votos com “piedade” e “compaixão”, acompanhando o duque, de acordo com suas possibilidades.

Outras encenações do banquete estiveram ligadas à figura de Jasão, patrono da ordem de cavalaria fundada por Filipe. Partes da história do herói foram contadas em forma de pantomima, entremeadas com pequenos números musicais. O herói mitológico enfrentou, ante os olhares da corte da Borgonha, as criaturas e desafios de sua lenda. Reforçando a ligação com Jasão, poderia estar-se buscando também um reforço da posição do duque, líder da ordem que tinha o herói como patrono. Lembrando sempre que todos os esforços que Jasão despendeu para conseguir o velocino de ouro tinham por trás o propósito de tornar-se rei.

Também as festividades do casamento de Carlos, O Temerário, tiveram encenações relacionadas a um herói da mitologia clássica. Só que dessa vez foram representados os doze trabalhos de Hércules. Uma encenação interessante nessas bodas foi quando entrou um leopardo, “muito bem feito e com semelhança com o animal”, trazendo em suas mãos a bandeira da Inglaterra e na outra uma margarida. O chefe de cerimônias do duque pegou a flor e deu-a a Carlos dizendo que “o bravo e corajoso leopardo da Inglaterra vem visitar esta nobre companhia e, para vossa alegria e a de vossos aliados, países e súditos, ele o presenteia com uma nobre margarida.”^{xix}

Eis, portanto, a importância que tinham na Borgonha as cerimônias, festas e rituais. Funcionavam como elementos agregadores, centralizando seus faustos nas mãos do duque. Afirmavam seu poder, formando a base simbólica de um príncipe que almejava a realeza, sem a possuir. E para manter esse esquema funcionando, era necessário um corpo de funcionários exercendo funções específicas. Cada detalhe era pensado e executado com maestria. Logo, não é de estranhar que a narrativa mais difundida sobre os duques tenha sido não a de seus indiciários, responsáveis pela construção de uma “história oficial”.

-
- ⁱ LA MARCHE, O. *Mémoires d'Olivier de La Marche augmentés d'un estat particulier de la maison du duc Charles Le Hardy*. Paris: [s.e.], 1785. vol. 2, p. 480
- ⁱⁱ APOSTOLIDES, Jean-Marie. *O rei máquina*. Brasília: EdUnb, 1993, pp. 39-43
- ⁱⁱⁱ CARDOSO, Ciro. "Panorama da historiografia ocidental (até aproximadamente 1930)" in *Um historiador fala de teoria e metodologia. Ensaios*. Bauru, SP: Edusc, 2005, pp. 115-150.
- ^{iv} LA MARCHE, Op. Cit, vol 2, pp. 306-309
- ^v Idem, vol. 2, p. 309-310.
- ^{vi} Idem, vol. 1, p. 429.
- ^{vii} EMERSON, Catherine. *Olivier de la Marche and the Rhetoric of Fifteenth Century Historiography*. Suffolk: Boydell e Brewer. 2004, p. 75.
- ^{viii} LA MARCHE, Op. Cit., vol 2, p. 184.
- ^{ix} Uma provável tentativa de La Marche de justificar os gastos de seu senhor com festejos. Um dos motivos seria a constante insatisfação das cidades neerlandesas sob domínio ducal com as pesadas taxas que pagavam para sustentar seu luxo. Algumas referências dessas insatisfações estão em BROWN, Op. Cit. 573-587
- ^x LA MARCHE, Op. Cit., vol. 2, pp. 171-172.
- ^{xi} Idem, vol 2, pp. 326.
- ^{xii} Idem, vol 2, p. 356.
- ^{xiii} Idem, vol 2., p. 356.
- ^{xiv} Idem, vol 2., p. 343 385.
- ^{xv} Idem, vol 2, p. 385.
- ^{xvi} Idem, vol 1, p. 431.
- ^{xvii} Idem, vol 2., p. 177.
- ^{xviii} Idem, vol. 2, p. 181. CARDINI, Franco. "O guerreiro e o cavaleiro" in LE GOFF, Jacques (org.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, s.d., p. 71.
- ^{xix} Idem, vol 2, p. 385.